

Narrativas em cena:

Aderbal Freire-Filho (Brasil)
e João Brites (Portugal)

João Brites, o Teatro O Bando e os romances encenados	169
Breve história da cena portuguesa no século XX: o início do XX	
o moderno teatro e o contemporâneo em Portugal	
João Brites e O Teatro O Bando: o ator em grupo como moda vitoriosa, artista e público	175
João Brites: encenação como escrita e prática multidimensional	195
Procedimentos de criação: criação, teatro de trabalho, a triade	
Dramaturgia-encenação-encenação e a consciência da arte em cena	201
A literatura como fuga das legiões comuns ou mínimos encenados	223
“Cento-flores ligadas” (2002): o tempo-obra e a circularidade narrativa	226
“Essa noite sob o céu” (2004): a relação e a intensidade da linguagem	234
“Fenômeno” (2008): o público que faz teatro e o espectador	242
Epílogo	257
Reflexões sobre pontos de chegada	258
Instituições na perspectiva de um teatro	265
Bibliografia	269
Ficha técnica dos espetáculos	281
A mulher curiosa em 22 atos	281
O que do Marão	281
O pássaro belgo	282
Cento-flores ligadas: o espetáculo em movimento	282
Essa noite sob o céu	282
Jesuítas	283
Sobre o autor	285

João Brites, o Teatro O Bando e os romances encenados	169
Breve história da cena portuguesa no século XX: o início do XX	
o moderno teatro e o contemporâneo em Portugal	
João Brites e O Teatro O Bando: o ator em grupo como moda vitoriosa, artista e público	175
João Brites: encenação como escrita e prática multidimensional	195
Procedimentos de criação: criação, teatro de trabalho, a triade	
Dramaturgia-encenação-encenação e a consciência da arte em cena	201
A literatura como fuga das legiões comuns ou mínimos encenados	223
“Cento-flores ligadas” (2002): o tempo-obra e a circularidade narrativa	226
“Essa noite sob o céu” (2004): a relação e a intensidade da linguagem	234
“Fenômeno” (2008): o público que faz teatro e o espectador	242
Epílogo	257
Reflexões sobre pontos de chegada	258
Instituições na perspectiva de um teatro	265
Bibliografia	269
Ficha técnica dos espetáculos	281
A mulher curiosa em 22 atos	281
O que do Marão	281
O pássaro belgo	282
Cento-flores ligadas: o espetáculo em movimento	282
Essa noite sob o céu	282
Jesuítas	283
Sobre o autor	285

Prefácio

Dois bibliotecas e um oceano em meio
Mário Heleno Weisick

HA CERCA DE UM SÉCULO, INDIEMOS DAS LETRAS INVENTARAM O PROJETO DE UMA publicação que pudesse fazer uma ponte sobre o mar para unir Brasil e Portugal através da arte, da cultura e da história. Era a *Revista de História*, criada entre 1915 e 1920, que a sociedade pelo escritor João de Brites e pelo poeta João de Brites. Ambos articularam um projeto de uma comunidade base brasileira de linguagem e sentimento. Mas o ambiente se revelou pouco propício para esta utopia científica. Hoje, há no espaço, um clima de muitos desastres entre os países e, na perspectiva brasileira, de evidente antagonismo aos imigrantes portugueses. A combinação de ideias estéticas modernas e posições políticas de não nacionalista, dentro de outros motivos, acabou por inviabilizar o projeto de publicação.

O livro *Narrativas em Cena: Aderbal Freire-Filho (Brasil) e João Brites (Portugal)* redimensiona o interesse na aproximação entre Brasil e Portugal pela via da pesquisa acadêmica, disponível a partir de modo contrário, a quem se dedica a experimentações estéticas oriundas da leitura de romances. O estudo é lançado sobre esse material textual inusitado e, ao mesmo tempo, deslocado para a arte teatral, se pensarmos o século XX como aquele que propaga definitivamente a distância entre a literatura dramática e o teatro como encenação.

Aderbal Freire-Filho e João Brites, cujos trabalhos constituem o objeto de análise do livro, são leitores exemplares da grande tradição em seus países e continentes. Amargaram um acervo particular de narrativas, de forma a moldarem práticas artísticas, sempre em trabalhos compartilhados com atores e coléguas de criação. São sempre os textos encenados, e não os criados, os textos interpretados, mesmo próximos e estranhamente singulares ao longo deste livro. São, também, um artista, tonos a tarefa científica como oportunidade de diálogo e formação entre país e outro crítico.

O estudo, posto à disposição dos leitores dos dois países, cobre, em primeiro lugar, a disciplina necessária para buscar no século XX as estações críticas que permitem a abertura do terreno do teatro ao narrativo. A história histórica é

Cliente: **MóBILE Editorial**
Produto: **Livro “Narrativas em cena...”**

NARRATIVAS EM CENA, ADERBAL FREIRE-FILHO (BRASIL) E JOÃO BRITES (PORTUGAL)

delicada e passa em revista uma vasta e independent bibliografia dos estudos de teatro, arte, crítica, ao propósito de descrever os modos de desmontar o campo da dramática e de introduzir dois conceitos-chave: o de teatro épico e de dramaturgia república. A inspiração propulsora do sistema brasileiro combinou-se com o material dos modos epistêmicos de escrita encenados que formam as análises a produção de textos teatrais franceses da segunda metade do século XIX. O romance não é visto apenas como gênero de origem e variações passíveis de descrição, mas também como discurso de longa duração, em que o diálogo não só corre e transpõe limites literários, mas também múltiplo espaço de cores que condizem no ator desempenhando o processo de narração.

O desmontamento mais especificamente científico em direção aos conjuntos de espetáculos dirigidos por Aderbal Freire-Filho e João Brites faz o pesquisador amar um intricado arcaibonho de categorias teóricas, necessário para se penetrar na relação conceitual que define o teatro contemporâneo. A relação entre narrativas e performáticas indica que o foco da análise foi guiado para os efeitos estéticos decorrentes de novos investimentos no trabalho do ator, já direcionado tanto pelo necessário salto da palavra da página para a densidade nova do espaço, quanto pela substituição das noções clássicas de personagem e representação em favor da concepção de figura, a serem percebidas como suportes corporais de imagens sonoras e visuais.

Tudo esse repertório histórico e teórico adquire utilidade dinâmica quando o livro se aproxima dos espetáculos e do trabalho da cena. A crítica se confronta com o horizonte projetado. Sugere, então, novos pontos de observação e conceitos para a análise, desta feita descontruindo do corpo que o pesquisador tem diante de si. O pensamento dos espetáculos é descrito sempre acompanhado de ideias que os encenadores programam em entrevistas e textos.

O conceito de ator, em sua conexão com o sistema e com o trabalho visado a teor e o texto literário para publicação, ganha força operatória. Destaca-se como uma das vias de leitura de procedimentos diversos de produção dramática quando se tem em mente que ganhou nome materialidade. No entanto, antes de se dedicar ao estudo de espetáculos, genericamente o autor nos fornece preciosa informação sobre cada um dos encenados e suas trajetórias.

O livro de uma lado ou do outro do Atlântico, envolve o perfil do diretor Aderbal Freire-Filho que, como outros brasileiros, afasta-se de seu terra natal, no Nordeste. O exílio no Rio de Janeiro se prolonga e se torna opção definitiva para quem busca fazer do teatro a sua arte, atravessando fronteiras e línguas,

Prefácio

Dois bibliotecas e um oceano em meio
Mário Heleno Weisick

HA CERCA DE UM SÉCULO, INDIEMOS DAS LETRAS INVENTARAM O PROJETO DE UMA publicação que pudesse fazer uma ponte sobre o mar para unir Brasil e Portugal através da arte, da cultura e da história. Era a *Revista de História*, criada entre 1915 e 1920, que a sociedade pelo escritor João de Brites e pelo poeta João de Brites. Ambos articularam um projeto de uma comunidade base brasileira de linguagem e sentimento. Mas o ambiente se revelou pouco propício para esta utopia científica. Hoje, há no espaço, um clima de muitos desastres entre os países e, na perspectiva brasileira, de evidente antagonismo aos imigrantes portugueses. A combinação de ideias estéticas modernas e posições políticas de não nacionalista, dentro de outros motivos, acabou por inviabilizar o projeto de publicação.

O livro *Narrativas em Cena: Aderbal Freire-Filho (Brasil) e João Brites (Portugal)* redimensiona o interesse na aproximação entre Brasil e Portugal pela via da pesquisa acadêmica, disponível a partir de modo contrário, a quem se dedica a experimentações estéticas oriundas da leitura de romances. O estudo é lançado sobre esse material textual inusitado e, ao mesmo tempo, deslocado para a arte teatral, se pensarmos o século XX como aquele que propaga definitivamente a distância entre a literatura dramática e o teatro como encenação.

Aderbal Freire-Filho e João Brites, cujos trabalhos constituem o objeto de análise do livro, são leitores exemplares da grande tradição em seus países e continentes. Amargaram um acervo particular de narrativas, de forma a moldarem práticas artísticas, sempre em trabalhos compartilhados com atores e coléguas de criação. São sempre os textos encenados, e não os criados, os textos interpretados, mesmo próximos e estranhamente singulares ao longo deste livro. São, também, um artista, tonos a tarefa científica como oportunidade de diálogo e formação entre país e outro crítico.

O estudo, posto à disposição dos leitores dos dois países, cobre, em primeiro lugar, a disciplina necessária para buscar no século XX as estações críticas que permitem a abertura do terreno do teatro ao narrativo. A história histórica é

NARRATIVAS EM CENA, ADERBAL FREIRE-FILHO (BRASIL) E JOÃO BRITES (PORTUGAL)

delicada e passa em revista uma vasta e independent bibliografia dos estudos de teatro, arte, crítica, ao propósito de descrever os modos de desmontar o campo da dramática e de introduzir dois conceitos-chave: o de teatro épico e de dramaturgia república. A inspiração propulsora do sistema brasileiro combinou-se com o material dos modos epistêmicos de escrita encenados que formam as análises a produção de textos teatrais franceses da segunda metade do século XIX. O romance não é visto apenas como gênero de origem e variações passíveis de descrição, mas também como discurso de longa duração, em que o diálogo não só corre e transpõe limites literários, mas também múltiplo espaço de cores que condizem no ator desempenhando o processo de narração.

O desmontamento mais especificamente científico em direção aos conjuntos de espetáculos dirigidos por Aderbal Freire-Filho e João Brites faz o pesquisador amar um intricado arcaibonho de categorias teóricas, necessário para se penetrar na relação conceitual que define o teatro contemporâneo. A relação entre narrativas e performáticas indica que o foco da análise foi guiado para os efeitos estéticos decorrentes de novos investimentos no trabalho do ator, já direcionado tanto pelo necessário salto da palavra da página para a densidade nova do espaço, quanto pela substituição das noções clássicas de personagem e representação em favor da concepção de figura, a serem percebidas como suportes corporais de imagens sonoras e visuais.

Tudo esse repertório histórico e teórico adquire utilidade dinâmica quando o livro se aproxima dos espetáculos e do trabalho da cena. A crítica se confronta com o horizonte projetado. Sugere, então, novos pontos de observação e conceitos para a análise, desta feita descontruindo do corpo que o pesquisador tem diante de si. O pensamento dos espetáculos é descrito sempre acompanhado de ideias que os encenadores programam em entrevistas e textos.

O conceito de ator, em sua conexão com o sistema e com o trabalho visado a teor e o texto literário para publicação, ganha força operatória. Destaca-se como uma das vias de leitura de procedimentos diversos de produção dramática quando se tem em mente que ganhou nome materialidade. No entanto, antes de se dedicar ao estudo de espetáculos, genericamente o autor nos fornece preciosa informação sobre cada um dos encenados e suas trajetórias.

O livro de uma lado ou do outro do Atlântico, envolve o perfil do diretor Aderbal Freire-Filho que, como outros brasileiros, afasta-se de seu terra natal, no Nordeste. O exílio no Rio de Janeiro se prolonga e se torna opção definitiva para quem busca fazer do teatro a sua arte, atravessando fronteiras e línguas,

Prólogo

ESTE LIVRO É O RESULTADO DA MINHA PESQUISA DE DOUTORADO, QUE RECORREU a título de *escrita de romance no teatro contemporâneo: Aderbal Freire-Filho (Brasil) e João Brites (Portugal)*, e que recebeu tratamento editorial. Foi defendida na Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) em março de 2012 e indicada pelo Programa de Pós-graduação em Teatro (2013). O trabalho propõe um exame teórico-analítico de espetáculos contemporâneos que encenam romances literários e seu processo de escrita cênica, tendo como objeto de estudo o trabalho do brasileiro Aderbal Freire-Filho e do português João Brites. Inscrito, portanto, em teatro de criação narrativa e performático que toma como matéria cênica-dramática obra e prioriza a dimensão a leitura individual e coletiva, transportando-a para a linguagem verbal, sonora e visual do teatro, em que o ator é o principal agente da comunicação do materialidade com o espectador.

A matéria textual da narrativa dialoga e aponta a relação do teatro contemporâneo com a palavra, mas também com a ideia de texto enquanto sua potencialidade para outros sistemas de significação como a própria cena, a coreografia, a iluminação, a sonoridade, pois pretende torná-la não cênica e vocal, imagem, sonoridade, ao saber da página de um livro e criadas em materialidade. Por meio dos conceitos de “teatro cênica”, “dramaturgia república” e “teatro narrativo-performativo” para compreender procedimentos e operações de dramaturgia, atuação e encenação no trabalho com romances, muitas vezes não reconhecidos nem necessariamente, mas que passam pela pesquisa, experimentação em coléguas de criação e consequente reflexão de seus respectivos encenadores.

Sobre o corpo destinado à análise, inicialmente concebido como objeto epistêmico ou trabalho de Aderbal Freire-Filho e João Brites, encontra-se tratado com uma carteira de mais de 40 anos e aproximadamente 100 espetáculos – que criou e dirigiu – do momento em que, após preparar original e livro no exílio, se torna o teatro de romance em sua integridade e encenação. A primeira investida sobre campo experimental de teatro em 1990 com o espetáculo de *A mulher curiosa* em 22 atos, romance de João de Meas, com um conjunto grupo Centro de Denúncia e Construção do